

ANEDOTA OU DOCTRINAÇÃO? A INTERPRETAÇÃO EQUIVOCADA EM TRÊS CONTOS DE MONTEIRO LOBATO

Emerson TIN ⁴⁵

Resumo: Alguns contos de Monteiro Lobato, escritos para o público adulto, parecem ter, à semelhança de parte de sua literatura infantil, uma intenção “didática”, nos quais o autor pretendia não só o riso, mas a veiculação de algumas de suas ideias com uma velada intenção doutrinária. É o caso, talvez, de contos aparentemente destinados tão-somente a fazer rir, como “O engraçado arrependido”, “Cabelos compridos” e “O fígado indiscreto”, em que o enredo, calcado nos equívocos de interpretação por parte das personagens, pode levar o leitor a reflexões mais profundas sobre questões fundamentais da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Contos. Interpretação equivocada.

Abstract: *Some short stories by Monteiro Lobato, written for the adult audience, seem to have, as part of children’s literature, a “teaching” intention in which the author intended not only laughter, but the propagation of some of his ideas with a veiled intent doctrine. This is the case, perhaps, of short stories apparently intended merely to make you laugh, like the “O engraçado arrependido” (The funny regretful person), “Cabelos compridos” (Long hair) and “O fígado indiscreto” (The indiscreet liver), where the plot, based on the mistakes of interpretation on the part of some characters, can take the reader to deeper reflection on fundamental issues of the Brazilian society.*

Keywords: *Monteiro Lobato. Short stories. Misinterpretation.*

Introdução

Monteiro Lobato é lembrado, sobretudo, por sua literatura infantil. É por sua extensa obra destinada às crianças que é lembrado, ou apenas por ela que por muitos é conhecido. Mas Lobato também escreveu diversos contos, críticas, ensaios, além de uma abundante correspondência. Apesar de extensa, percebemos que em sua obra há um

⁴⁵ Faculdades de Campinas – FACAMP, Campinas, São Paulo, Brasil, emtin@mpc.com.br

denominador comum, que a torna um todo orgânico e coeso: a preocupação de Lobato com o atraso do Brasil, principalmente ao confrontá-lo com a sociedade norte-americana, seu paradigma. Tal preocupação se traduz em sua literatura infantil, que pode ser vista como um verdadeiro projeto de educação das gerações suas contemporâneas e das futuras (*Emília no País da Gramática*, de 1934, *Aritmética da Emília*, de 1935, e *Geografia de Dona Benta*, também de 1935, só para termos alguns exemplos); em seu *Jeca Tatuzinho*, de 1924, ao expor o atraso e as péssimas condições em que vivia a população rural brasileira; em seu *Zé Brasil*, de 1947, Jeca Tatu passado a limpo pela (suposta) conversão marxista do autor, que visa à conscientização política dessa mesma população rural e toca na eterna ferida da reforma agrária; em todos esses textos, embora diversas as suas matérias, o objetivo é o mesmo: ensinar, educar, conscientizar o povo que, ao mesmo tempo em que é o seu objeto de estudo e o seu material de criação, é também o seu público – um público a ser ensinado, a ser educado, a ser conscientizado.

Ora, não é diferente a sua intenção em seus contos. Em alguns, talvez seja possível perceber de modo mais fácil quais seriam os seus objetivos, como no conto “Negrinha”, em que Lobato parece querer fazer despertar no leitor uma atitude de reflexão e arrependimento ao se ver retratado no comportamento de Dona Inácia. Noutros, a intenção está mais implícita, exigindo um esforço maior do leitor para notá-la. E mesmo esse *esforço* faz parte da intenção de Lobato de fazer nascer um leitor consciente e que, sobretudo, *saiba* ler.

É o caso dos contos em análise – “O engraçado arrependido”, datado de 1916, “Cabelos compridos” e “O fígado indiscreto”, datados de 1904⁴⁶, aquele publicado em *Urupês*, de 1918, estes em *Cidades Mortas*, de 1919 – percebe-se um objetivo educativo, doutrinário até, regendo a sua ironia e a sua comicidade. Nesses três contos, há personagens que, de um modo ou de outro, envolvem-se em equívocos de interpretação, ou seja, ou algumas das personagens interpretam mal, de modo equivocado, falas e atitudes de outrem, ou suas próprias falas e atitudes são mal interpretadas pelos outros. É claro que tais situações conferem aos textos uma

⁴⁶ As datas dos contos são as que constam da “edição onibus”, comemorativa do 25º aniversário da estreia do escritor” (LOBATO, 1943).

comicidade, de forma que poderiam ser inseridos na melhor tradição do cômico e do irônico no Brasil – *Memórias de um Sargento de Milícias*, as comédias de Martins Pena e, até mesmo, a refinada ironia de Machado de Assis – e no mundo – Arlequim e Fígaro talvez sejam os parentes mais ilustres de Pontes, Das Dores e Inácio. Entretanto, não será nosso objetivo principal a inserção dessas personagens lobatianas dentro da tradição da comédia, mas sim buscar a forma pela qual Lobato realiza suas intenções educativas nesses três contos.

Assim, por meio desse recurso às interpretações equivocadas – que constituem comumente, aliás, a base do anedotário e das comédias – Lobato poderia querer chamar a atenção do leitor, advertindo-o dos perigos de uma interpretação equivocada de sua obra ou, de modo mais amplo, até mesmo para os perigos de uma leitura equivocada do mundo. Poderia ser seu objetivo também sugerir, com essa manobra, a sua visão de um Brasil novo, um Brasil de futuro, em que o atraso, a ignorância e a política clientelista ficassem para trás. Vejamos, então, como se realizariam tais advertências, tais sugestões, a partir de uma breve análise dos contos citados.

O engraçado arrependido

Francisco Teixeira de Souza Pontes era um *engraçado*, ou seja, alguém que se caracterizava pelo seu espírito cômico, sempre a contar uma anedota, sempre disposto a despertar o riso. Mas, um dia, o engraçado se arrepende:

Tudo cansa, Farto de tal vida, entrou o hilarião a sonhar as delícias de ser tomado a sério, falar e ser ouvido sem repuxo de músculos faciais, gesticular sem promover a quebra da compostura humana, atravessar a rua sem pressentir na pegada um coro de – 'Lá vem o Pontes!' em tom de quem se espreme na contensão do riso ou se ajeita para uma barrigada das boas.

Reagindo, tentou Pontes a seriedade.

Desastre.

Pontes sério mudava de tecla, caía no humorismo inglês. Se antes divertira como o Clown, passava agora a divertir como o Tony. (LOBATO, 1943, p.18)

E a cada momento em que Pontes tentava ser sério, um novo desastre se realizava. Pontes em situação alguma obteve as “delícias de ser tomado a sério”, até que

decide reunir as forças para um grandioso, arriscado e derradeiro golpe: estourar o aneurisma do Major Bentes e, com isso, por meio de um padrinho no Rio de Janeiro, ocupar-lhe o posto na coletoria federal. Apesar de conseguir a morte do Major, chegou tarde e só encontrou ossos, como lhe escreveu o parente do Rio, perdendo a nomeação. Enforcou-se numa ceroula, o que causou a reedição “em coro [de] meia dúzia de ‘quás’ – único epitáfio que lhe deu a sociedade” (LOBATO, 1943, p.25).

Sobre esse conto, escreve Edgard Cavalheiro: “nessas páginas Lobato caustica o meio e a política, e não será difícil vislumbrar aqui e ali indiretas e perfídias [...] É neste tom entre irônico e sarcástico que se pode encontrar o melhor do contista” (CAVALHEIRO, 1962, t.1, p.179).

Nesse sentido, Lobato parece criticar a política e os “apadrinhamentos”, tão típicos da República Velha no Brasil. Com este tom entre irônico e sarcástico Lobato parece provocar uma reflexão sobre a maneira de ser das coisas. “Palhaço, então, eternamente palhaço à força?” (LOBATO, 1943, p.18), diz o narrador, fazendo uso do discurso indireto livre. A frase parece resumir a ideia de Lobato: Brasil atrasado, então, eternamente atrasado à força? A resposta do conto é clara: sim, enquanto não se mudarem os métodos, enquanto houver apadrinhamentos, enquanto o próprio Brasil não se levar a sério, continuará atrasado. “Nesse dia o infeliz engraçado chorou. Compreendeu que não se desfaz do pé p’r’a mão o que levou anos a cristalizar-se” (LOBATO, 1943, p.19). Lobato parece dizer: compreenda leitor, não se moderniza um país que levou anos a cristalizar-se como colônia de uma hora para outra. Ou seja, em síntese, Lobato parece combater em duas frentes: fazer com que o leitor reconheça o atraso do país e compreenda que será difícil revertê-lo.

Para tal, Lobato se utilizou de uma figura cômica, que tenta ser tomada a sério. Pontes parece a personificação do dito popular: “quem tem fama, deita na cama”. Ou seja, Pontes não consegue se livrar da imagem, da fama, que se construiu durante anos. Por isso, uma alteração tão oposta em seu comportamento – de engraçado passa a sério – acaba por causar a interpretação errônea de seus conterrâneos, que ao verem-no agindo com seriedade, pensaram que ele mudara de estilo – de Clown passou a Tony. “Assim viveu Pontes até a idade de Cristo, numa parábola risonha, a rir e fazer rir, sem pensar em nada sério” (LOBATO, 1943, p.17). Ora, poderíamos até mesmo ler o conto de

Lobato como uma parábola. De que forma? Assim como Pontes criara para si o papel de cômico, imitando animais, parodiando a risada humana, o Brasil também sempre foi uma cópia, uma cópia em tudo da Europa, nos costumes, na maneira de vestir, na arquitetura ⁴⁷, mas uma cópia mal feita, mal adaptada. Assim, tal como o Brasil, Pontes precisava mudar de vida, mas não o fez de forma adequada. Deveria ter rompido com o passado, naquilo que tinha de prejudicial – o que Pontes não fez, diga-se de passagem, ao se utilizar de sua comicidade para atingir os seus objetivos – de modo que a sociedade se desenvolvesse sem os seus vícios e atrasos.

Cabelos compridos

Um conto como “Cabelos compridos” deve, sem trocadilho, arrepiar até o último fio de cabelo de uma feminista extremada. E não é para menos. Lobato aqui desenvolve, personifica uma frase atribuída a Schopenhauer, que definiria a mulher como tendo “cabelos compridos, ideias curtas” ⁴⁸. Noutro conto, da época do “Minarete”, Lobato parece também desenvolver o tema, não em relação aos cabelos compridos, mas às ideias curtas. É em “Tão ingênua!”, em que Nisa, a protagonista, encarna o clássico binômio bonita/ignorante, tão comum no humor popular nacional. Nisa se casara com um homem quase velho, pois “não via na união do homem com a mulher um meio de legalizar os mistérios de Afrodite; via uma união amiga como a de irmã com irmã” (LOBATO, 1959, p.135). Ao fazer uma viagem, o marido lhe diz que, por ser moça e bela, havia muitos moços querendo conquistá-la, advertindo-lhe que não gostaria de se ver, ao retornar, “incluído entre o número dos galheiros” (LOBATO, 1959, p.135). Não atinando “com o sentido daquelas palavras”, buscou o auxílio de uma amiga, que lhas explicou. Ao voltar o marido, ela corre a lhe examinar a testa. Nada encontrando, “com a graça mais encantadora deste mundo, o repreendeu: mentiroso!” (LOBATO, 1959, p.136) Tanto nesse conto como em “Cabelos compridos” podemos perceber algo que Marisa Lajolo definiu como “falta de domínio da linguagem, por parte da personagem: a

⁴⁷ Sobre arquitetura, leia-se o artigo de Lobato intitulado “Ainda o estilo”, publicado no livro *Ideias de Jeca Tatu*.

⁴⁸ Em *A alma encantadora das ruas*, de 1908, João do Rio também se referiu à frase atribuída a Schopenhauer: “Oh! esses seres, que Schopenhauer denominava animais de cabelos compridos e ideias curtas, que formidável obra de destruição cometem!” (RIO, 1995, p.143)

confusão entre o sentido denotativo e conotativo e a redução de toda linguagem ao sentido literal” (LOBATO, 1981, p.14). O próprio Lobato, sob esse aspecto, descreveu Das Dores, a protagonista de “Cabelos compridos”: “Toma tudo quanto ouve ao pé da letra, incapaz que é de galgar do concreto ao abstrato. Se ouve falar em ‘fazer pé de alferes’, fica a pensar em pés e mãos de alferes e tenentes” (LOBATO, 1943, p.171).

Sendo, como se costuma afirmar em Direito – e Monteiro Lobato, sendo bacharel, deveria sabê-lo –, a interpretação literal considerada “a mais pobre das interpretações”, é daí que se desenvolve o conto. Das Dores ouve a prédica de um missionário, que aconselhou à assembleia a meditação sobre cada uma das palavras das orações cotidianas, para que tivessem algum valor. Interpretando *literalmente* tal conselho, Das Dores inicia as orações pelo Padre Nosso, detendo-se em cada expressão e buscando na mente algo a ela relacionado. Por fim, ela não resiste ao sono. Com isso,

quem se saiu mal do incidente foi o pobre missionário. Cada vez que se referiam a ele perto de Das Dores, ela floria a cara de uma risadinha irônica.

– Está aí um que pode estar dizendo as coisas, que eu ...

E concluía a frase com o mais convencido muxoxo de pouco caso. (LOBATO, 1943, p.173)

Tanto Nisa quanto Das Dores têm uma falta de domínio da linguagem, um não atinar com o sentido das palavras, um tomar tudo quanto ouvem ao pé da letra. Sem nos preocuparmos se Lobato compartilhava ou não do pensamento de Schopenhauer, veremos que ao se utilizar de tal argumento Lobato pretende muito mais provocar os leitores que ridicularizar as mulheres. Na verdade, pretende alertar o leitor para o perigo das interpretações literais.

Das Dores, a prima feia de Nisa, juntamente com esta, é o paradigma do leitor abominado por Lobato. Elas representam o Brasil atrasado, ignorante, que não consegue progredir. Mas há um caminho: a educação. É com ela que o Brasil poderá evoluir. Entretanto, para tal, é necessário que se esteja disposto a evoluir. No conto, Das Dores não se esforça para sair do literal. É isso, concluindo, que Lobato parece condenar: para se progredir é necessário esforço. E tanto Das Dores quanto Nisa buscam o caminho mais fácil; esta, o esclarecimento de uma amiga; aquela, o ato de ignorar a lição do missionário como algo tolo e inaplicável. Assim, tanto em “Cabelos compridos”, como

em “Tão ingênua!”, bem como em “O engraçado arrependido”, o problema comum parece ser a dificuldade que todos têm em sair do literal, em buscar alternativas que demandem esforços, que demandem rompimentos com costumes, comodidades e liberalidades, de modo a fazer com que ninguém tenha mais do que lhe cabe.

O fígado indiscreto

Em “O fígado indiscreto” é narrado o jantar em que Inácio, o “rei dos acanhados”, é recebido como pretendente de Sinharinha Lemos, no qual, por “esquisitice dos Lemos”, serviu-se fígado. Inácio “nascera com a estranha idiossincrasia de não poder sequer ouvir falar em fígado” (LOBATO, 1943, p.197). Com esses poucos elementos está feito o imbróglio. É desse ponto central que nasce o conto: Inácio era acanhado e não podia ouvir falar em fígado. Entretanto, a narrativa não se abre abruptamente; Lobato organiza toda uma introdução, uma *tese*, da qual a narrativa parece ser a demonstração. A *tese* do conto é a de que existiria um Deus para o namoro e outro para os bêbados ⁴⁹, o que se provaria *a contrario sensu*:

sem eles, como explicar tanto passo falso sem tombo, tanto tombo sem nariz partido, tanta beijoca lambiscada a medo sem maiores consequências afora uns sobressaltos desagradáveis, quando passos inoportunos põem fim a duos de sofá em sala momentaneamente deserta? (LOBATO, 1943, p.196)

Apesar disso, tais deuses também cochilam, e é disso que nascem as catástrofes. “Outras vezes acontece aos protegidos decaírem da graça divina” (LOBATO, 1943, p.196). Lobato descreve Inácio como um destes que decaíram da graça divina. Assim, servido o fígado, Inácio se vê numa situação confusa e incômoda, mas consegue engolir o pedaço que lhe fora destinado. Contudo, a mãe da moça insiste para que ele coma mais um pedaço e, sem aceitar as negativas de Inácio, coloca em seu prato mais uma porção. Desesperado, ele se aproveita de uma confusão e esconde a víscera no bolso. Tudo acabaria bem, não fosse um sarau que se improvisara, com a pretendente ao piano, junto à qual Inácio fora obrigado a recitar alguns poemas. Como afirma Marisa Lajolo,

⁴⁹ Note-se que, em entrevista a Silveira Peixoto, Monteiro Lobato utiliza essa mesma “tese”, levemente modificada: “Há, todavia, um deus para os bêbados e outro para os inocentes.” (LOBATO, 1964, p.191).

“com muita frequência a prosa lobatiana dá alfinetadas doloridas na tradição alambicada, nos letrados de carregação importada, na caturrice gramatical, enfim, naquilo que trazia, para o começo do século XX, rabichos do nosso século XIX” (LOBATO, 1992, p.11). Suando nervosamente, Inácio tira o lenço do bolso para enxugar a testa e, nesse momento, juntamente com o lenço, sai o fígado, que cai no chão. Disfarçadamente ele põe um pé sobre a víscera. Mas então surge um problema: ele não mais poderá sair do pé do piano. Recita de cor tudo o que lhe vem à mente até que, esgotado, desequilibra-se e cai, revelando seu segredo.

O resto não vale a pena contar. Basta que saibam que o amor de Sinharinha morreu nesse dia; que a conspiração matrimonial falhou; e que Inácio teve de mudar de terra. Mudou de terra porque o desalmado major Lemos deu de espalhar pela cidade inteira que Inácio era, sem dúvida, um bom rapaz, mas com um grave defeito: quando gostava de um prato não se contentava de comer e repetir – ainda levava escondido no bolso o que podia... (LOBATO, 1943, p.200)

Segundo Edgard Cavalheiro, em tal conto “a farsa ‘carregada de um espírito meio gordo, culinário, faz rir’, sem outras intenções que o puro riso” (CAVALHEIRO, 1962, p. 224). Será? A intenção de Lobato seria apenas o puro riso? Tal como nos outros contos analisados, aqui também se tem uma interpretação literal, que não galga a níveis mais complexos, mantendo-se na superficialidade do sentido. O major Lemos interpreta as atitudes de Inácio na sua literalidade, sem procurar as verdadeiras razões para o comportamento do rapaz. É mais fácil se manter no nível da literalidade, apontando as falhas nos outros, que refletir e reconhecer em si as próprias falhas. Afinal de contas, tivesse a “simpática” Dona Luiza compreendido que Inácio não mais queria comer, tivesse o major Lemos compreendido que o rapaz não gostava de fígado, tivesse a “espevitadíssima” Miloca compreendido o acanhamento do rapaz, Inácio teria noivado com a Sinharinha Lemos, teria casado e, talvez, tivesse a mesma dificuldade em interpretar as ações humanas. Mas o deus do namoro decidira abandonar Inácio e, por isso, todas essas coisas lhe aconteceram.

Essa predestinação divina é muitas vezes tomada como argumento em relação ao

Brasil. Dizem uns que “Deus é brasileiro” – o que traduz um pensamento de comodismo, de inércia: se Deus é brasileiro, com certeza não há de desamparar o nosso país. Dizem outros: “se nós tivéssemos sido colonizados por ingleses, ou franceses, ou holandeses...”, o que significa também a mesma ideia de comodismo e inércia, pois se tivéssemos sido colonizados por ingleses, ou franceses, ou holandeses, nosso país seria melhor, mas como fomos colonizados pelos portugueses, já não há mais solução. Ora, são pensamentos desse tipo que justamente Lobato combate. Se crermos que há um deus para o namoro, tudo o que ocorreu a Inácio não teria como ser modificado, inclusive as interpretações literais de seu comportamento. Mas se crermos que tal predestinação não existe, seremos de opinião de que tudo o que ocorreu poderia ter sido diferente, e que isso pode servir como um aprendizado para o futuro. O mesmo raciocínio pode ser estendido ao Brasil. Assim, para que o país progrida, será necessário que se abandone toda visão predestinante, positiva ou negativa, e que se trabalhe, que todos se esforcem para o progresso nacional.

Considerações finais

Lobato “é, sem a menor dúvida, um espírito crítico, irônico, e por vezes cáustico. Não admite meios-termos, e sua intolerância para com as ideias preestabelecidas e as malandragens da política ou da literatura é completa” (CAVALHEIRO, 1962, p.77-78). E, como afirma Alfredo Bosi, “ele foi, antes de tudo, um intelectual participante que empunhou a bandeira do progresso social e mental da nossa gente”, encarnando “o divulgador agressivo da Ciência, do progressismo, do ‘mundo moderno’, tendo sido um demolidor de tabus” (BOSI, 1995, p.215-216) É preciso ressaltar, ainda, a faceta polemizadora do escritor, como lembra Marisa Lajolo:

Intolerante e desapiedado, Lobato vai de dedo em riste apontando misérias, reforçando a crítica com ironia e irreverência, em dezenas de contos que narram casos vividos e acontecidos com os capiaus do Vale do Paraíba [...] Na sua obra, os escritos doutrinários avultam e sufocam a ficção: os prefácios, as cartas, as entrevistas, os artigos de jornal, as reflexões políticas e econômicas, tudo isso ocupa um espaço

muito extenso. Por outro lado, esta mesma incontinência verbal talvez decorra de uma das características mais marcantes da literatura de Lobato: seu engajamento, seu compromisso com seu tempo, em face do qual toma definitivamente partido: Lobato luta por um Brasil que se modernize em moldes capitalistas, tendo, ao menos durante boa parte de seus livros, a sociedade norte-americana como modelo de sua utopia social. (LOBATO, 1981, p.101-2)

Essa faceta também é mencionada por Maria Teresa Gonçalves Pereira:

Monteiro Lobato [...] acreditava na educação para resolver os problemas sócio-político-econômicos do país. O espírito polêmico e individualista é passado reiteradamente para o leitor em suas obras, destinadas às crianças e aos adultos. Tal polêmica não se sustenta somente na realidade que o rodeava, mas na posição sistematicamente contrária que assumia, nas soluções que propunha para os problemas e na reformulação das próprias ideias, exercendo sempre elevado senso crítico. (PEREIRA, 1999)

Nesse sentido, Lobato surge, por um lado, como um nacionalista, querendo fazer progredir o Brasil por meio da construção de sua identidade. Por outro, tem como modelo para esse progresso o desenvolvimento dos Estados Unidos. Não haveria aí um contra-senso? A resposta está na própria obra de Lobato. Se analisarmos sua literatura infantil, veremos diversas personagens da mitologia greco-romana transitando entre as personagens lobatianas. Ele recontara a mitologia, reaproveitara os temas, assim como o Brasil deveria seguir o modelo norte-americano, adaptá-lo, mas não copiá-lo. Parece ser isso o que ele queria que seus leitores pensassem. Mas como fazê-los pensar dessa forma? Eis os contos. Pelo riso, ou pela censura, vem Lobato apontando as misérias e as desigualdades e a ignorância de seus contemporâneos, de modo que o leitor se identifique na ficção e reflita sobre a sua realidade. Como afirma Marisa Lajolo,

É desse cruzamento do mundo simbolizado pela palavra em estado de literatura com a realidade diária dos homens que a literatura assume

seu extremo poder transformador. Os mundos fantásticos criados pelo texto não caem do céu, nem têm gênese na inspiração das musas. O mundo representado na literatura, simbólica ou realistamente, nasce da experiência que o escritor tem de uma realidade histórica e social muito bem delimitada. O universo que autor e leitor compartilham, a partir da criação do primeiro e da recriação do segundo, é um universo que corresponde a uma síntese – intuitiva ou racional, simbólica ou realista – do aqui e agora que se vive. (LAJOLO, 1991, p.65)

Um dos recursos utilizados por Lobato, para tal, são as situações de equívoco de interpretação. Tais situações têm duas aplicações: por um lado, por meio delas, Lobato faz com que o leitor, confrontado pela sua comicidade, sobre elas reflita; por outro, provocam uma leitura *correta* da situação, bem como um posicionamento do leitor se se encontrasse no mesmo estado. É assim que Lobato parece expor sua experiência da realidade histórica e social do Brasil do início do século XX, fazendo com que o leitor reflita sobre a sua própria experiência e, meta suprema, altere o seu comportamento frente a realidade. É dessa forma, em síntese, que Lobato foi um escritor de seu tempo, utilizando-se de uma linguagem que conseguia atingir o seu público – nesse caso, o humor – para as discussões das questões que, para ele, mais afligiam o Brasil na época: o atraso científico e tecnológico e as péssimas condições de vida da população brasileira.

Referências

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 33ª edição, 1995.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato – Vida e Obra*. São Paulo: Brasiliense, 1962.

LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LOBATO, Monteiro. *Urupês: outros contos e coisas*. Organização e prefácio de Artur Neves. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

_____. *Literatura do Minarete*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

_____. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Monteiro Lobato*. Biografia por Ruth Rocha; panorama da época por Ricardo Maranhão; seleção de textos, contextualizações, notas, cronologias, características e exercícios por Marisa Lajolo. São Paulo: Abril Educação, 1981 (Literatura Comentada).

_____. *Contos Escolhidos*. Organização de Marisa Lajolo. São Paulo: Brasiliense, 2 ed., 1992.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. Monteiro Lobato: da matéria e da forma para uma utopia possível. *Matraga*, Rio de Janeiro, n°11, 1º semestre 1999. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga11/matraga11mariateresa.pdf> Acesso em: 25 fev. 2010.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de